

Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus
e Arquivo Histórico Municipais

VII



Santo António na literatura e na arte portuguesas

Conferência proferida no salão nobre dos Paços do Concelho,
em 6 de Junho de 1935,
(número oficial das Grandes Festas de Lisboa),
por Júlio Eduardo dos Santos, vogal da Sub-Comissão
da Exposição Antoniana, ilustrada, com declamação de trechos alusivos,
pelo Professor Artur Lobo de Campos

Lisboa

1935

Santo António na literatura
e na arte portuguesas

Incorporação

36. MAR 2007

Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus
e Arquivo Histórico Municipais

VII



Santo António na literatura e na arte portuguesas

Conferência proferida no salão nobre dos Paços do Concelho,
em 6 de Junho de 1935,
(número oficial das Grandes Festas de Lisboa),
por Júlio Eduardo dos Santos, vogal da Sub-Comissão
da Exposição Antoniana, ilustrada, com declamação de trechos alusivos,
pelo Professor Artur Lobo de Campos



456207

Lisboa

1935

Santo António na literatura e na arte portuguesas

Conferência proferida no salão nobre dos Paços do Concelho, em 6 de Junho de 1935, (número oficial das Grandes Festas de Lisboa), por Júlio Eduardo dos Santos, vogal da Sub-Comissão da Exposição Antoniana, ilustrada, com declamação de trechos alusivos, pelo Prof. Artur Lobo de Campos.

*Sr. Presidente*¹

*Sr. Vereador do Pelouro
dos Serviços Culturais*²

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Camões e Santo António são as figuras nacionais mais lembradas na quadra festiva da primeira quinzena de Junho.

Em 1934, primeiro ano das «Grandes Festas de Lisboa», a capital honrou, com uma exposição notabilíssima, o grande cantor das glórias

pátrias, cuja obra épica foi exaltada, neste mesmo lugar, pela palavra autorizada de um distinto Professor universitário. Impunha-se, pois, que no segundo ano da realização dos grandes festejos culturais e populares, promovidos pelo primeiro Município de Portugal, se prestasse homenagem ao notável filho de Lisboa que é o Santo mais popular de toda a Cristandade.

Reflexo do intenso movimento literário e artístico relativo ao insigne franciscano, a actual Exposição Antoniana — que, como a Exposição Camoneana, é de alta importância bibliográfica — patenteia, de maneira iniludível, que a figura dêse Português da era de Duzentos é bem actual. Enaltecê-la não é, pois, manter simplesmente uma tradição

¹ O Ex.^{mo} General Daniel Rodrigues de Sousa, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa.

² O Ex.^{mo} Tenente-coronel José Maria Pereira Coelho, Presidente da Comissão Executiva das «Grandes Festas de Lisboa».

sem significado perante as conquistas sociais modernas, mas render culto a uma das personalidades de que pode, em conjunto com a de tantos outros homens insignes, orgulhar-se a Pátria.

No início da conferência camoneana do passado ano, o seu illustre autor ¹ acentuou que «é, de há muito, quebrada a unidade de comunhão religiosa que, durante séculos, emprestou à emotividade do povo português a adequada expressão e o vivo estímulo das suas verdades, como das suas lendas. Assim, foi necessário que, ao culto de S. Vicente, restrito aos fiéis da liturgia nacional, e ao culto de Santo António, paganizado em vibrante arraial noturno, sucedesse o culto de alguém que, à indiscutida unanimidade dos sufrágios, unisse a indiscutida supremacia dos títulos; alguém que pudesse ser, para as novas condições da sociedade e para os novos interesses do espírito, o incentivo com que exaltar a vida colectiva».

Abstraindo de alusões à possível revivescência do espírito religioso nos tempos que correm, vou tentar mostrar, através da minha sintética exposição do que tem sido e deve ser o movimento literário e artístico antoniano em Portugal, que a figura e a acção de Santo António também satisfazem os anseios da

humanidade de hoje, sendo motivos de lições de rara beleza e de ensinamentos de altíssimo valor cívico.

Santo António de Lisboa, o primeiro português que se internacionalizou, é de facto uma figura augusta da Pátria, que deve celebrá-la, repito, não como eco de costumes antigos sem sentido social na hora presente, mas com o preito devido a um dos seus filhos mais ilustres, ao lado dos seus heróis e dos seus homens de génio; a época em que se desenvolveu a sua acção, essa é de perene actualidade, também. Admirável foi, na verdade, essa pleiade de franciscanos dos primeiros tempos da Ordem, os alegres companheiros do *Poverello* de Assis, trovadores da *Senhora Pobreza*, profligadores dos avaros, inimigos dos déspotas, defensores dos humildes... Pleno de ensinamentos é êsse movimento, que, segundo o dizer de um grande escritor, não tem paridade em toda a história, exceptuado o da evangelização de Cristo!

Conheceis a história do Santo: filho de nobres, ou talvez humilde filho do povo, como alguns documentos deixam entrever, foi criado em Lisboa, passando de menino de câro, na Catedral, a cônego regente de Santo Agostinho. Tendo trocado, nesta qualidade, o Mosteiro de S. Vicente de Fora pelo de Santa Cruz de Coimbra, abandonou mais tarde a murça augustiniana pelo pobre burel de frade Menor, seduzido pela

¹ O Sr. Prof. Dr. Hernani Cidade.

beleza do movimento franciscano, então nascente, e pelo desejo do apostolado em longínquas paragens. O acaso levou-o às terras onde o Evangelho operava maravilhas sob o impulso desse super-homem admirável que foi Francisco de Assis, esse estranho vulto de poeta e de iluminado, que revolucionara os moldes da vida religiosa e da eloquência do tempo, levando o verbo divino a todos os meios, prêgando a letrados e a ignorantes, a cavaleiros e a plebeus, a purpurados e a salteadores, às avezinhas e às feras, todos, como os denominava, seus *irmãos*...

Conforme suas ideologias, os diversos autores, que estudam este singular movimento, consideram de modo diverso os actos do grande Santo-poeta, mas nenhum negou, nem de certo virá a negar, rendida homenagem a esse estupendo poema de amor que foi a sua existência, da qual esse-outro poema encantador que é a famosa página, que nos legou, universalmente conhecida pela designação de «Cântico do Sol» deve ser considerada conclusão luminosa: a melodia final e o acorde supremo.

O Sr. Prof. Artur Lobo de Campos vai dignar-se interpretar esse trecho, na versão do ilustre poeta Dr. Afonso Lopes Vieira. Entraremos assim, através dessas formosíssimas estrofes, no ambiente em que se desenvolveu a acção do Santo português.

Cântico do Sol

Versão de Afonso Lopes Vieira

Louvado seja Deus na Natureza,
Mãe gloriosa e bela Beleza,
— E com todas as suas criaturas —
Pelo irmão senhor Sol, o mais bondoso
E glorioso irmão pelas alturas,
O verdadeiro, o belo, que alumia
Criando a pura glória — a luz do dia!

Louvado seja pelas irmãs Estrelas,
Pela irmã Lua que derrama o luar,
Belas, claras irmãs silenciosas
E luminosas, e suspensas no ar.

Louvado seja pela irmã Nuvem que há-de
Dar-nos a fina chuva que consola;
Pelo Céu azul e pela Tempestade;
Pelo irmão Vento, que rebrame e rola.

Louvado seja pela preciosa,
Bondosa Água, irmã útil e bela,
Que brota humilde, é casta e se oferece
A todo o que apetece o gosto dela.

Louvado seja pela maravilha
Que rebrilha no Lume, o irmão ardente,
Tão forte, que amanhece a noite escura,
E tão amável, que alumia a gente.

Louvado seja pelos seus amores,
Pela irmã mãe-Terra e seus primores,
Que nos ampara e oferta seus produtos,
Árvores, frutos, ervas, pão e flores.

Louvado seja pelos que passaram
Os tormentos do mando dolorosos,
E contentes, sorrindo, perdoaram;
Pela alegria dos que trabalharam,
Pela morte serena dos bondosos.

Louvado seja Deus na mãe querida,
A Natureza, que fez bela e forte,
Louvado pela irmã Vida,
Louvado pela irmã Morte.

*
* *
*

Como mostrarei, Portugal não tem contribuído com obras de grande vulto para o intenso movimento bibliográfico que, sobretudo recentemente, se tem produzido em torno da vida e obra de Santo António.

A «Legenda Prima», a mais importante fonte dos estudos antonianos

Uma única excepção deve ser apontada: a publicação, em 1830, da *Legenda Prima* ou *Assidua*, o documento fundamental da agiografia antoniana, descoberta, num códice da biblioteca do Mosteiro de Alcobaça (precioso documento apresentado pela Biblioteca Nacional na presente Exposição), pelo douto D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, que fez acompanhar do texto original a sua acurada tradução, aditando-lhe dois importantes apêndices de crítica. Mais tarde foi esta legenda reeditada nos *Portugaliae Monumenta Historica*. Foi então que o seu decisivo valor foi reconhecido, facto derivado da circunstância de ter sido escrita por autor contemporâneo do Santo e apresentar, despidos de fantasia, os passos fundamentais da existência deste.

Não é propício o momento para dissertar sobre o valor das diversas legendas antonianas; não é, porém, descabido acentuar que a *Legenda*

Prima e outros documentos da mesma ou de épocas próximas diferem enormemente das crónicas publicadas mais tarde, no século xvi e seguintes. O maravilhoso invadiu de forma intensa os escritos agiográficos: a célebre *Crónica dos xxiv Geraes da Ordem dos Frades Menores*, de que foi publicado um extenso fragmento em português, em edição dirigida e prefaciada pelo Prof. da Faculdade de Letras de Lisboa, Dr. José Joaquim Nunes, é testemunho típico dessa infiltração perniciosa e geral.

Leão de Kerval estudou, num opúsculo magistral, a evolução e desenvolvimento do maravilhoso nas legendas de Santo António¹.

Essa adulteração chegara à época de Fr. Fortunato de S. Boaventura (melhor será dizer que atingiu mesmo a nossa...).

O erudito monge de Alcobaça, dando singular valor a essa singela narrativa, e divulgando-a, praticou um acto de inteligentíssimo e penetrante sentido crítico, que quasi absolve a literatura portuguesa da acusação de tão moderadamente — quanto à importância e não ao número de obras — ter cantado a glória do *Santo de todo o mundo*, como o denominou Leão XIII.

A lição do códice de Alcobaça, citado, é tida como a mais autori-

¹ *Opuscules de critique historique*. Fasc. XII-XIV. Ed. Fischbacher. Paris, 1906.



SANTO ANTÓNIO
(Tela — 0^m,585 × 0^m,315)

Pertencente à casa Pombal, onde é tradição
ser esta pintura cópia de uma antiga tábua com a representação exacta
da fisionomia do Santo
Exposição Antoniana — Lisboa — Junho de 1935

zada dentre as raras cópias manuscritas que, dessa legenda, se conhecem presentemente, sendo muito citada em importantes estudos antonianos e preferida para a vulgarização que da preciosa *Legenda* têm feito alguns eruditos, como o já citado crítico Kerval e o douto escritor e conceituado advogado de Pádua, Dr. Felipe Conconi, que das fontes da agiografia antoniana se tem ocupado recentemente em alguns volumes notáveis.

O nome de D. Frei Fortunato de S. Boa-

ventura não podia deixar de ser recordado nesta resumida apreciação

da bibliografia antoniana portuguesa e apresentado como benemérito das nossas letras.

Os cronistas franciscanos e outros agiografos.

Focada a importância primacial da *Legenda Prima*, apresentarei algumas considerações acerca de outras obras relativas a Santo António. Não pretendo exceder os limites de um pequeno quadro sintético da nossa literatura antoniana, mas impossível é



Água-forte de Vieira Lusitano,
nalguns exemplares
acompanhada de um soneto do artista
(25^{cm}, 5 × 12^{cm}, 7, na parte iconográfica)

não me deter em análise, aliás ligeira, de alguns trabalhos, não só porque através dela vai surgindo, ante nós, a personalidade do Santo, mas também porque seria inadmissível a omissão de referência às obras mais notáveis numa exposição subordinada ao tema que estou versando.

Todos os cronistas franciscanos portugueses se ocuparam da agiografia antoniana, tendo as obras de alguns, sobretudo do vernáculo Fr. Marcos de Lisboa, conquistado grande apreo até no estrangeiro, onde ainda hoje é frequente a citação de passos da *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, devida à sua pena, relativos a Santo António.

Numerosos outros autores trataram de igual tema, tendo um deles, Braz Luiz de Abreu, obtido para o seu *Sol nascido no Ocidente e posto ao nascer do Sol*, dado à estampa em 1725, o favor de grande aplauso traduzido em várias edições.

Extensa bibliografia sem valor—tal é o juízo que a crítica moderna forma de todas, ou quasi todas, essas produções.

A poesia antoniana

Paralelamente à agiografia e às ciências eclesiásticas, foi evoluindo a poesia de assunto antoniano. Fora as obras destinadas ao teatro, de que farei menção, existem muitas composições poéticas antigas desse género, várias de acentuado inte-

rêsse, como os sonetos de Fr. Agostinho da Cruz, as oitavas de Diogo Bernardes e mesmo os poemas de Francisco Lopes. Desta classe de composições existem numerosas (algumas manuscritas, na Biblioteca Nacional), mas são, na maioria, ermas de merecimento.

Se os poetas antigos tomaram como tema a vida e os milagres atribuídos a Santo António, dos modernos talvez nenhum tenha deixado de cantar a glória do Santo de Lisboa e de Pádua ou de trasladar para verso os inúmeros motivos que o folclore antoniano lhes oferece. Omitindo referências a tão numerosas composições, limito-me a frizar que entre elas se contam algumas páginas encantadoras. Mais inspirados, e também mais frutuosamente orientados, os poetas contemporâneos, quanto à exaltação da vida e da glória do grande discípulo do *Poverello*...

Para encerrar esta ligeira alusão à poesia antoniana portuguesa, falarei das que celebram o alistamento do nosso Santo como soldado. Santo António também teve carreira militar, com assentamento de praça durante a guerra da Restauração, que terminou, pouco depois daquele acto, pelo tratado de 13 de Fevereiro de 1668. Curiosa a história dessa carreira de que se ocupou (e de novo trata numa série de artigos em publicação na illustração *Renasença*), o erudito escritor e ilustre Director do Arquivo Histórico Mi-

litar, Sr. Coronel Henrique de Campos Ferreira Lima, em face de documentos curiosos, muitos dêles inéditos.

A deliberação régia mandando alistar o Taumaturgo terá sido classificada de ridícula ou, simplesmente, ingénua; foi, porém, como perspicazmente alguns autores têm notado, acto de grande alcance, animando o exército e o povo na luta pela independência da Pátria, contra os espanhois no Continente e contra os holandeses no Brasil, como mais tarde igualmente succedeu durante a Guerra Peninsular.

Cito as alevantadas palavras de Lopes Vieira a este propósito: «Foi nesta situação histórica tão grave, quando se estava jogando a integridade do Império Português nos cinco continentes, que Santo António veio favorecer, como camarada e padroeiro dos nossos soldados, uma nova rajada de fé e de bravura. O decreto real que tornava o Santo português soldado português, e soldadinho razo como os do povo humilde, foi um acto admirável de inteligência política e patriótica, e aí está a nossa crónica militar para o atestar em páginas que nenhum homem digno da Pátria poderá ler sem comoção».

Sebastião da Fonseca e Paiva, mestre de capela da Infanta D. Catarina, que foi Rainha de Inglaterra, e freire professo na Ordem Militar de Santiago, celebrou em *redondi-*

lhas o alistamento de Santo António, e Frei Jerónimo Vahia escreveu, com o mesmo fim, umas *Décimas*, que o mesmo ilustre Professor, que há pouco nos encantou com a sua primorosa interpretação do *Cântico do Sol*, vai ter a gentileza de recitar. O patriotismo que anima essa curta composição — aliás de factura imperfeita como tantas produções do autor — mostra quão profunda deve ter sido a influência que teve o calculado e feliz gesto do monarca. Relembra-la neste momento em que reina a paz — devo acen-tuar — é recordar simplesmente uma época gloriosa da nossa história e uma das mais curiosas modalidades do culto de Santo António.

Décimas ao Sereníssimo Rei de Portugal quando mandou alistar por soldado ao glorioso Santo António de Lisboa

Feitas por Jerónimo Vahia

Alto Rei, fatal excesso
De valentia maior,
Que nisto de ter valor
Sois Rei, que não tendes preço:
Vós, que, com feliz successo,
Rompendo as quatro linhas,
Fazeis que as gentes vizinhas,
Quando vêm mais insolentes,
Não choquem como valentes
Mas choquem como galinhas,

Deixai mais listas, pois já
Santo António se alistou,
Que, como seu pai livrou,
Sua Pátria livrará:
Ele somente fará

Com estrago, e com ruína,
Castela sempre molina,
Pois tem para vencedor
Como Português valor
Como Santo disciplina.

Êle só será bastante
A vencer nosso inimigo;
Porém não só, pois consigo
Traz sempre o melhor Infante:
Já foi do mundo triunfante
Êste Infante que condaz,
Fazendo espada da Cruz;
Êste pode o que quizer
E quer o que António quer,
Por ser o seu «Ai-Jesus».

Pois quê? Com tal valentia
Não vencerá Portugal,
Quando tem soldado tal
E mais em tal companhia?
Castela de medo fria
Tema tão grande invasão,
Que não pode escapar, não,
Empunhando António o braço,
Nem soldado do seu laço,
Nem praça do seu cordão.

Fará cousas nunca ouvidas
Em favor dos Lusitanos,
Não sendo dos castelhanos
Com ser das cousas perdidas:
Tingirá cortando vidas,
De vermelho o barel pardo
E, com ímpeto galhardo,
Triunfando em todo o risco,
Posto que é Frade Francisco
Brigará com um Bernardo.

Com hábito e fidalguia
Será de Castela açoite,
Se como frade de noite,
Como fidalgo de dia.
Cante a Lusa Monarquia,
Chore a contrária nação,
Pois ambas nêle terão,
Para glória e para dor,
Uma nas mangas favor,
Outra nas bragas prisão.

*
* *
*

Deixando sem alusão trabalhos
quer inteiramente dedicados a Santo
António, quer só com referências,
que, em estudo crítico especial, de-
veriam ter menção pormenorizada,
passemos ao movimento literário
determinado pelos centenários de
1895 e 1931.

O movimento literário motivado pelas comemorações centenárias de 1895 e 1931

Da época do primeiro centenário,
duas obras devem ser citadas:
*Santo António de Lisboa — Estudo
da história e crítica*, do conscien-
cioso académico José de Sousa Mon-
teiro, e *O Grande Taumaturgo de
Portugal Santo António de Lisboa*,
do douto sacerdote Dr. F. A. Carlos
das Neves.

O primoroso trabalho do pri-
meiro foi elaborado por iniciativa
da grande comissão central do cen-
tenário, para comemoração e justi-
ficação do mesmo. Na factura desse
livro de mais ambições que pági-
nas, segundo as palavras do autor,
houve o propósito de fixar com a
exacção possível algumas das fei-
ções do engenho e da alma do
grande português que foi Santo
António.

Não se trata de uma biografia,
mas de curiosa e elegantíssima crí-
tica à acção e individualidade do

Taumaturgo, em que avulta a apreciação justa e elevada dos merecimentos como orador daquele que foi dos homens mais eloquentes do seu século e dos maiores fascinadores de multidões de que há memória.

A bela produção de Sousa Monteiro foi acolhida com justos encômios, tendo sido traduzida em italiano e publicada em Pádua em 1930. Este facto demonstra o aprêço em que foi e é tida no país onde os escritos antonianos de valor são mais numerosos.

Não se ajusta aos acanhados limites dêste bosquejo a crítica do livro, cujo valor não foi diminuído pelas investigações dos últimos quarenta anos; não deixarei, porém, de provar que os elogios tecidos a êsse escrito não são exagerados. Faço-o também fiel ao programa, que tracei, de ir apresentando várias das facetas da personalidade de Santo António.

Eis algumas palavras de Sousa Monteiro, extraídas do capítulo intitulado *O Poeta*. Elas mostram a justiça da minha opinião.

«Ozanam escreveu um livro interessante, na confessada modéstia do seu propósito, sobre os serviços reais e duradouros prestados, à língua e às letras da renascente Itália, pelos primeiros filhos do incomparável S. Francisco.

«Por estranho que pareça aos menos atentos o apontado facto,

não deixa de ser de explicação facilísima. Todos êsses heróis da pobreza e da caridade, que vagueavam pelo mundo com a indiferença e o desapêgo santo de quem nada quer nem espera dêle, eram essencialmente místicos, nas várias e nobres acepções que esta dição admite, e o misticismo é já de si poesia, por isso que para os seus símbolos e interpretações carece de fantasia, elemento primário da poesia.

«O serviço prestado à nascente língua por êstes grandes e santos sonhadores procede de outro facto, também simples. Preferiam êles aos grandes os humildes, os ignorantes aos sabedores; falavam-lhes, pois, a linguagem que então em Itália começava a desenlaçar-se das fachas do latim. E assim, acesos de mobil fantasia e animados de quente amor de Deus, dos homens, de tôdas as criaturas, contribuíam sem o pensarem, falando e poetando em romance, para a feitura e perfeição da língua, que elevou logo depois ao apogeu da graça e fôrça o génio incomparável de um poeta altíssimo.

«Na glória desta grande obra, tem segura parte Santo António.

«Não possuimos, é certo, versos seus. Não se presume que os haja feito. Mas nele a fantasia era de viveza e abundância raras e a palavra tinha, quando o pedia o assunto, o movimento rápido, elegante, al-

tivo, em que fremem azas, da estrofe métrica.

«Santo António era poeta, e grande.»

Sousa Monteiro, ao analisar depois a obra oratória do Santo, diz que a êste, nem seu virtuoso propósito nem sua fantasia exuberante, lhe permitiam ficar sempre na indicação precisa, mas rápida, do simile. «E' a lua, é o sol, é a rosa, é o lírio, é a oliveira que pulula, é o incenso que rescende, é: mas não lhe bastava dizê-lo. Comprazia-se-lhe no simile a vivaz palavra e insistia nele — dizem às vezes que de mais — e expondo-o mais longamente, mais longamente o explicava à alma, o insinuava ao coração, o impunha à vontade vencida dos ouvintes.» E apresenta alguns excertos da obra do Santo, para que se avalie quão belamente o fazia.

Assim, Santo António comparou o justo à rosa, ao lírio, ao incenso, ao vaso de ouro. Eis como definia os quatro similes:

Como a flor da rosa em dia verno. Duas coisas são de notar na rosa: a punção e o deleite. Punge o espinho, a flor deleita. Assim, na vida do justo há o espinho que compunge e o perfume que deleita. E isto em dia verno, que o justo folga com a adversidade em tempo próspero.

Como o lírio no discurso da água. Nos lírios se prefigura a pureza da

alma e do corpo. Estão os lírios puros no discurso da água. No século que passa mantem-se puro o justo em meio da abundância temporal.

Como o incenso rescendente em dia estivo. Talha-se no estio a árvore do incenso para exudar no outono a goma embalsamada. Assim, o justo é atribulado agora para colher depois o fruto eterno.

Como vaso de ouro massiço. E' a cavidade do vaso receptiva de líquidos; é a humildade do coração do justo receptiva de graças. Com razão se diz o justo «vaso de ouro massiço»: vaso, porque humilde; de ouro, porque precioso e fúlgido; massiço, porque cheio de esperança da própria imortalidade.

Nestes similes, vê-se — conclue, e bem, Sousa Monteiro — que o poeta se sobreleva ao místico. Tudo isto é suave, gracioso, vívido, tocado com a mão segura e subtil de mestre.

Apenas duas palavras de comentário:

Não é só com flores de poesia que se exerce uma grande acção social, como aquela que desempenhou o insigne Santo lusitano. Ele, que combateu heresias, que pugnou pela expansão do evangelho franciscano e que foi o defensor entusiasta dos humildes contra a prepotência dos grandes e dos onzeneiros, tratou, do alto da tribuna sagrada, com vigor, com violência mesmo, os assuntos referentes a esses ma-

gnos problemas espirituais e sociais, como aliás — note-se — não era raro no seu tempo. Há passos dos seus sermões que seria impossível reproduzir hoje em público, pela crueza das afirmações e pelo

realismo de certos confrontos. E' que a obra de Santo António, se teve a poesia dos primeiros tempos do franciscanismo, reflete também o ardor, a exaltação da alma de um grande revolucionário cristão.

Tudo isto não foi porém esquecido por Sousa Monteiro na sua produção, penetrada aliás muito mais de poesia que de ímpeto de-

molidor análogo ao de Frei António de Lisboa, cuja vida e obra o distinto académico procurou focar com imparcialidade, não prejudicada pela admiração profunda que lhe inspirava o discípulo do Patriarca de

Assis. Mesmo as acusações vibradas à eloquência dominadora do Santo não foram ocultadas no livro de que me estou ocupando: excesso de divisões e sub-divisões no discurso; uso freqüente do simbolismo dos

números; etiologia, abusiva na qualidade e conta, de pessoas e lugares; interpretações morais do Antigo e Novo Testamento arrastadas do texto sagrado para a trama do sermão com violência, sem analogia e sem verossimilhança; exuberância de comparações pedidas à natureza e desenvolvidas até à fadiga, até à exaustão; a miudada

mescla de citações profanas e sagradas; e mesmo ausência de regular estrutura da oração... Tudo isso foi reduzido, com mestria, ao seu justo valor.

O livro de Sousa Monteiro é, em meu obscuro parecer, a obra-



Gravura de Vieira Lusitano,
para o livro *Thesouro Espiritual da Novena do glorioso*
S. António de Pádua, etc,
ordenado por Faustino de Afonseca Freyre e Mello.
Lisboa Occidental, 1740
(Dimensões exactas)

-prima da literatura antoniana portuguesa.

De *O Grande Taumaturgo de Portugal Santo António de Lisboa*, original do Dr. F. A. Carlos das Neves, apareceu em 1895 o primeiro volume, tendo o segundo vindo à publicidade quatro anos depois. Prometeu o autor ainda um terceiro, consagrado à bibliografia antoniana, mas não chegou a realizar o seu plano.

Este trabalho é, incontestavelmente, de grande valor como obra de consulta — é este, a bem dizer, o seu mérito. Poderia ter sido, com manifesta vantagem, encurtada a exposição de determinados pontos e tratados de forma diversa, bem diferente mesmo, muitos dos passos deste livro; o que é certo, porém, é que pelos valiosíssimos subsídios que ministra, pelos importantes documentos que transcreve, pelas citações tão numerosas de publicações nacionais e estrangeiras acerca de Santo António, pelas curiosas notas sobre o culto do Taumaturgo, é um repositório magnífico de elementos para o conhecimento da vida, da época e do culto do Santo.

Da numerosa produção ocasionada pela comemoração do VII centenário da morte de Santo António, ocorrido em 1931, há a destacar o livro tão discutido de Lopes Vieira — *Santo António — Jornada de Centenário* — trabalho penetrado do sã patriotismo que anima toda a obra do grande poeta e vernáculo prosa-

dor, e a *Vida de Santo António*, dedicada à douta e elegante pena do Padre Aloísio Tomás Gonçalves, bela página agiográfica baseada nas fontes mais autorizadas.

*

* * *

A oratória sagrada, tratando-se de um grande vulto da Igreja, e o teatro, dada a expansão das manifestações profanas com elle relacionadas, devem ter, nesta resenha, lugar especial.

Oratória sagrada e profana

No primeiro destes ramos literários ocupam os temas antonianos lugar de grande relevo, mais pelo numero de sermões publicados, avulsos ou em collecções, do que pela excelência das páginas destinadas a exaltarem o *Martelo de Herejes*, à excepção de algumas orações quer dos grandes mestres portugueses do púlpito, quer de contemporâneos.

Consultando os sermonários dos séculos XVII a XIX deparam-se-nos muitas peças em louvor de Santo António; a maioria, porém, enferma de tais defeitos, no campo agiográfico e mesmo literário, que valor nenhum pode ser por nós outorgado hoje a muitas dessas velhas composições.

Dos oradores sagrados portugueses — de *todos os oradores sagrados*,



SANTO ANTÓNIO

Pintura em cobre de Domingos António de Sequeira
(0^m,580 × 0^m,277)

Pertencente à Casa Palmela

Exposição Antoniana — Lisboa — Junho de 1955

teria, talvez, de dizer, se também da bibliografia antoniana estrangeira me tivesse ocupado—nenhum deixou de certo de cantar a glória do Santo lusitano.

Apenas de dois me ocuparei: dos modernos, Alves Mendes; dos de época mais remota, o grande António Vieira.

Este famoso orador compôs nove sermões de Santo António, ou antes, oito, sendo o nono o *sermão aos peixes*, todo alegórico, prègado na cidade de S. Luiz do Maranhão, no ano de 1654, três dias antes do autor ter embarcado occultamente para o Reino.

Tôdas estas peças oratórias têm, não obstante os defeitos da época e os que é forçoso reconhecer nesse prègador, a grandiosidade que caracteriza as produções do célebre jesuíta: nelas brilha a luz do seu espírito cultíssimo e palpita o mais acrisolado patriotismo. Algumas das suas passagens serão, talvez, das páginas mais excelentes das orações do exímio literato, que, como com justiça acentuou Latino Coelho (um dos grandes oradores da tribuna portuguesa que quási sabia de cor os seus sermões e tantas vezes moldava pela frase vieirense a frase dos seus próprios escritos) «quási que não subiu uma só vez ao púl-pito que não aproveitasse aquela única tribuna dos seus tempos para vindicar os foros dos humildes, e para doirar, nas aparências da homilia, a objurgação política e a

veemente imprecação contra os que, por ambições e desacertos, arriscavam a honra do reino e devoravam a mais preciosa substância da Nação».

Nos sermões antonianos de Vieira encontram-se reunidos dois nomes egrégios — o do biografado e o do seu panegirista. São elle os índices máximos da eloquência portuguesa.

Nos países meridionais abundam os discursistas, os retóricos, os cultores mais ou menos aprimorados de frases sonoras e deleitantes, mas — como judiciosamente observou um notável artista da palavra¹ — são raríssimos os grandes oradores, mórmente oradores sagrados, porque a eloquência é tanto mais inacessível, mais dificultosa, quanto os seus assuntos se desliam, se desvestem do sensível terreno e ascendem por própria essência para o espiritual, para o divino. É neste campo, difficil de trilhar, que resplandecem essas duas glórias da tribuna sagrada. Se elles são as figuras máximas da nossa eloquência, não esqueçamos que são também dos mais estupendos oradores da raça latina!

Dos sermões antonianos de António Vieira gosou um do favor de numerosas reedições — o prègado na Igreja das Chagas, de Lisboa, na festa de Santo António, aos 14 de

¹ Alves Mendes.

Setembro de 1642. Não são menos belos os restantes, de um dos quais, proferido na Igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma, pouco depois de ter sido reconhecida a independência de Portugal resultante do glorioso movimento de 1 de Dezembro de 1640, o Sr. Prof. Lobo de Campos vai ler um excerto. O patriotismo, que tantas vezes é o sôpro que anima a prosa de Vieira, expande-se nesse trecho em reflexões caprichosas e formosíssimas em elogio do Taumaturgo e em louvor da acção dos portugueses, descobridores e evangelizadores de quasi toda a Terra.

**Excerto do sermão de Santo António,
pregado em Roma, na Igreja de
Santo António dos Portugueses.**

Pelo Padre António Vieira

Quando, por parte da Pátria me queria queixar do seu amor, atalhou-me o Evangelho com a sua obrigação: *Sois a Luz do Mundo*. Não tem logo Portugal de se queixar. Se António não nascera para sol, tivera a sepultura onde teve o nascimento. Mas como Deus o marcou para luz do mundo, nascer numa parte e sepultar-se em outra é obrigação do sol. Lisboa foi a aurora do Oriente; seja Pádua a sepultura do seu ocaso!

Se António era luz do mundo, como não havia de sair da Pátria? Saía como luz do mundo e saía como português. Sem sair ninguém pode ser grande. Saía para ser grande e, porque era grande, saía.... Assim era obrigado a fazer, porque nasceu português.

Uma coisa em que há muito tempo tenho reparado são os dois emprêgos de Cristo fez os trinta dinheiros por que foi vendido. O primeiro emprêgo foi comprar um campo para entêrro de peregrinos. O segundo emprêgo foi esmaltar com os mesmos trinta dinheiros o escudo das armas de Portugal. Notáveis empregos! E que proporção tem o escudo de Portugal com o entêrro dos peregrinos, para que o preço de um seja esmalte do outro? Grande proporção.

Quiz Cristo que o preço da sepultura dos peregrinos fôsse o esmalte das armas dos portugueses, para que entendêssemos que o braço de nascer português era obrigação de morrer peregrino: com as armas nos obrigou Cristo a peregrinar, e com a sepultura nos empenhou a morrer. Mas, se nos deu o braço que nos havia de levar da Pátria, também nos deu a terra que nos havia de cobrir fora dela. Nascer pequeno e morrer grande é chegar a ser homem. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento e tantas para a sepultura. Para nascer, pouca terra; para morrer, toda a terra — para nascer, Portugal; para morrer, o mundo.

Não se pode plantar a fé sem se transplantarem os que a semeiam. Não debalde disse Cristo: *Meu Pai é agricultor*. Houve-se Deus com os portugueses como agricultor de luzes. Semeia o agricultor em pouca terra o que depois há-de dispôr em muita. Pouca terra era Portugal, mas ali fez Deus um seminário de luz para transplantar pelo mundo.

Assim como a luz material primeiro a cria Deus junto em um lugar, e depois a repartia dali por todas as regiões do Céu, e sobre todas as terras: umas estrélas ao polo ártico, outras ao antártico, umas ao norte, outras ao sul, umas ao setentrão, outras ao meio-dia; assim para alumiar o Novo Mundo, que tantos séculos havia de estar às escuras, sem ser conhecido dos

homens, nem ter conhecimento do verdadeiro Deus, ¿que fez o autor da Graça? Criou primeiro e conservou em separado em Portugal aquele seminário escolhido de fé e de luz, para que dali, dividida e repartida a seu tempo, umas luzes fôsse alumiadas a África, outras a Ásia, outras a América; umas ao Brasil, outras à Etiópia, outras à Índia, outras ao Mogor, outras ao Japão, outras à China, e, desta maneira transplantada a fé, se plantasse nas três partes do mundo.

É verdade que Portugal era um cantinho ou um canteirinho da Europa; mas, nesse cantinho da terra pura e mimosa de Deus, quiz o céu depositar a fé, que dali se havia de derivar a tôdas essas vastíssimas terras, introduzida com tanto valor, cultivada com tanto trabalho, regada com tanto sangue, recolhida com tantos suores, e metida, finalmente, nos celeiros da Igreja, debaixo das chaves de Pedro, com tanta glória.

Medindo-se Portugal consigo mesmo, e reconhecendo-se tão pequeno à vista de uma empresa tão imensa, poderá dizer o que disse Jeremias, quando Deus o recolheu para profeta das gentes: *Ah! Ah! Ah! Senhor Deus, Tu bem vês que eu não sei falar porque sou um menino.*

Deus meu, onde me mandais que sou tão pequeno para tamanha empresa? O mesmo poderá dizer Portugal. Mas tirando-lhe Deus da boca estes três AAA, ao primeiro A, escreveu África; ao segundo A, escreveu Ásia; ao terceiro A, escreveu América, sujeitando tôdas três ao seu império como Senhor e à sua doutrina como Luz: *Sois a Luz do Mundo.*

O sermão de Alves Mendes, pregado na igreja de Santo António à Sé, no dia do sétimo centenário do nascimento do Taumaturgo lusitano (15 de Agosto de 1895), considero-o uma das mais belas pági-

nas desse orador insigne — vasta peça literária, elaborada com entusiasmo, com elevação, com arte aprimorada. Santo António tem nessa obra um dos mais belos monumentos que os seus patrícios lhe têm erguido.

Dilatando esta referência até ao presente, não pode ser olvidada também a formosa oração que, no soleníssimo Pontifical celebrado em 13 de Junho de 1931, no templo de S. Domingos, desta capital, em comemoração do VII centenário da morte de Santo António, proferiu o venerando Bispo do Porto, D. António Augusto de Castro Meireles.

Formosa oração lhe chamei, mas o adjectivo não a caracteriza bem. Não foi apenas uma grande página literária — valeu sobretudo pela lição que encerra, pelo lado doutrinário, reflectindo a justiça do Evangelho perante o problema social, de tão transcendente acuidade nos calamitosos tempos que decorrem. A relação entre a acção de Fr. António de Lisboa e a solução mais adequada das questões que agitam a sociedade hodierna, apresentou-a o orador com rara felicidade, mostrando ter sido o Santo, antecipadamente, o doutrinador das verdades admiráveis que, mais tarde, foram exaradas nas célebres encíclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*.

Três pontos foram desenvolvidos pelo ilustre antístite — as relações entre o capital e o trabalho; a au-

toridade e a liberdade; o amor da pátria e a cooperação internacional. Para versar tais questões, de tão palpitante actualidade, poucos vultos poderão ser evocados mais a propósito que o de Santo António e o dos seus heróicos companheiros dos primeiros tempos do franciscanismo, movimento de que já tracei resumido esboço.

Injusto seria não reconhecer que outros oradores modernos, em especial alguns que enaltecera a acção do nosso Santo por ocasião das comemorações centenárias de 1931, enriqueceram a bibliografia antoniana com produções de valor. Procedendo de igual forma em relação a bastantes dos conferencistas que então exaltaram a personalidade do Taumaturgo, deve concluir-se que, na oratória sagrada e na conferência, se contam — abstraindo dos gongorismos e inexactidões da maioria dos autores antigos — páginas portuguesas em que se patenteia o firme propósito, com felicidade atingido em muitas, de estudar, à luz das melhores fontes e através de crítica sensata e erudita, essa figura complexa.

Teatro

O teatro, sobretudo o de género caracteristicamente popular, tem sido ambiente um tanto ou quanto cultivado, quanto a assuntos antonianos. Muitas dessas peças, mo-

nólogos, etc., não têm chegado a ser impressos, facto que nos deve alegrar...

Infelizmente, ao lado das produções imbuidas da inspiração ingénua do povo, que a seu modo sabe glorificar, com amor e alegria, o Santo lusitano, em outro género de teatro, o de revista, tem aparecido a figura augusta de Santo António.

O vulto do austero orador num tablado onde se exibem peças de baixa moral e de estética inferior, não é espectáculo de molde a prestigiar vulto tão insigne. Ver amesquinhar as grandes figuras nacionais, entristece aqueles a quem o patriotismo anima.

Das peças de teatro, antonianas, sobressaem duas: o *Auto de Santo António*, do poeta quinhentista Afonso Alvares, da escola de Gil Vicente, feito «a pedimento dos mui honrados e virtuosos cônegos de S. Vicente: mui contemplativo, em partes mui gracioso» e o mistério *Gabriel e Lusbel* ou o *Taumaturgo Santo António*, original de José Maria Braz Martins, escritor teatral e actor, peça representada, pela primeira vez, no ano de 1854 para a qual escreveu alguns números de música o compositor italiano, então residente em Lisboa, Ângelo Frondoni. Além de numerosas reposições cénicas, têm tido estas obras muitas edições.

De-certo a vida e milagres de Santo António foram tema de vá-

rios autos e peças, além das que acabo de citar e de outras que correm impressas. Se dessas produções

Afonso Álvares deixou algumas composições do mesmo género do *Auto de Santo António*: os autos de



ORA PRO NOBIS BEATE ANTONI &

Água-forte de Vieira Lusitano

(15^{cm},6 × 14^{cm},8, pela linha interna da cercadura)

não chegou notícia até nós, deve-se isso, decerto, ao facto de não terem logrado as honras de impressão.

S. Tiago Apóstolo, de Santa Bárbara e de S. Vicente Mártir. Poetando com facilidade, comentando

por vezes com graça, este modesto autor não se elevou a grandes culminâncias, mas escreveu por vezes com certo sabor vicentino, como o atesta o final do *Auto*, em que os queixumes de Branca contra o espôso, os conselhos do Taumaturgo, etc. apresentam semelhanças com trechos das obras do fundador do teatro português.

Não deve também esquecer-se, numa justa apreciação crítica do valor desta e de outras análogas produções, que nos autos hieráticos da época o uso consistia em transplantar para o tablado as narrativas cheias de maravilhoso das lendas, a maior parte das vezes apresentadas com anacronismos chocantes. As obras agiográficas nitidamente inferiores contaminaram o teatro português nascente; contudo, deste defeito quasi não enferma o auto de Afonso Álvares, cuja acção se desenvolve sobre um dos milagres atribuídos ao Santo: a ressurreição da criança afogada.

Quanto à interpretação das personagens deste auto quinhentista, feita pelo distinto escritor Sr. Gustavo de Matos Sequeira para as representações dadas no adro da Sé por ocasião das «Grandes Festas de Lisboa» de 1934, é bem notório o êxito que alcançou. A esta referência limito a minha citação, dada a impossibilidade de analisar neste momento, como merece, o trabalho do infatigável autor.

Falando de teatro popular, não devo esquecer que, na literatura de

cordel, se destaca o acto intitulado *Romaria ao prodigioso Santo António de Lisboa venerado (além do rio) na sua ermida da Charneca*. É dos mais curiosos modelos desta sorte de literatura, dos fins do século XVIII, atribuído a Nicolau Luiz.

Da vida e acções do Santo lisbonense ou apenas de temas levemente antonianos (como, por exemplo, *A noite de Santo António*, de Vasco de Mendonça Alves) vários autores dramáticos portugueses se têm ocupado, não tendo sido também olvidado o cinema, visto ter o Dr. Afonso Lopes Vieira elaborado o argumento e dirigido a execução de um gracioso filme infantil — *O afilhado de Santo António*.

Analizando todas estas produções e considerando o valor do teatro, quer na evocação de figuras históricas, quer na acção educativa, tão preciosa (quanto descurada!) ante as necessidades sociais modernas, temos de concluir que, neste ramo literário, não existe produção antoniana portuguesa de vulto. No entanto, a personalidade do Santo e o ambiente em que viveu, rico de beleza na sua evangélica pobreza, devem ser considerados mananciais esplêndidos de inspiração para muitos géneros de teatro, sobretudo para peças à maneira de Ghéon.

Repetirei o voto formulado pelo Dr. Hipólito Raposo no final da sua conferência sobre *Santo António no teatro português*, proferida em 1931 no Conservatório Nacional: «Quería

também ver allear-se a confiança de que surja ainda em Portugal o verdadeiro e grande dramaturgo de Santo António que, pela força imperecível do teatro ou pelo poder de universalização da cinematografia, projecte no mundo inteiro, com vozes e sombras humanas, a sua figura excelsa de perfeição espiritual, reivindicando-o assim para o lugar que lhe é devido na honra da nossa história, na nobreza da nossa cultura e no amor de todos os Portugueses!»

*
* *
*

A rápida divagação, acabada de fazer pelo campo literário, mostra que Santo António tem despertado geral simpatia entre os nossos homens de letras — raros serão os que não lhe tenham dedicado, quando mais não seja, uma quadra ou fugaz alusão — simpatia à qual nem sempre tem correspondido produção de obras de mérito. Também, no domínio da arte, se observa a mesma tendência para a interpretação dos mais sugestivos passos da vida do Taumaturgo.

Santo António na arte

Paralelamente à deturpação que, sucessivamente, se foi manifestando nos escritos que do Santo se ocupam, também a sua figura, tal como as mais autorizadas fontes a descrevem, se foi adulterando na

pintura. De corpulento como é representado no fresco famoso da escola de Giotto, existente na Basílica de Pádua — no qual é inspirada a grande tela agora exposta nos Paços do Concelho, pertencente ao Patronato da Infância, com a particularidade de nela se ver também o Menino — e em outras obras coevas ou pouco posteriores, foi Santo António perdendo, na série de concepções pictóricas que o têm celebrado, as suas características, facto geral em todas as escolas, incluindo a portuguesa. Mesmo Columbano, no seu quadro célebre do Museu Nacional de Arte Contemporânea, se é certo que encontrou representação admirável para Jesus-Menino e ambiente de sonho para toda essa produção genial; se idealizou o vulto do Santo deixando transparecer a chama quasi divina que o animava em seus êxtasis, não acompanhou a tradição no concernente à composição do físico de Fr. António de Lisboa.

Frei Carlos, esse místico à maneira de Giotto, como alguém com propriedade o denominou, Gregório Lopes, o grande mestre quincentista, Vieira Lusitano, que nos legou belas gravuras e também alguns valiosos quadros antonianos como os existentes nas Igrejas de S. Roque e de S. Francisco de Paula, de Lisboa, e na colecção magnífica da Casa Palmela, Pedro Alexandrino, prodigioso pelo nú-

mero de telas sacras que trabalhou, o admirável Sequeira — a quem é devida uma pequenina obra-prima que tanto brilho dá à actual Exposição Antoniana — e tantos outros artistas, entre os quais muitos contemporâneos (dos quais sòmente citarei Carlos Bonvalot, de quem se encontram expostos os apreciáveis estudos para a decoração da abóbada da igreja paroquial do Estoril), quantas interpretações diversas têm apresentado do ínclito Santo Português!

Na escultura a mesma variedade de concepções dessa figura, fonte inexgotável para grandes estatuarios e para modestos santeiros, quer como menino de côro na catedral de Lisboa ou cônego-regular em S. Vicente de Fora e Santa Cruz de Coimbra, quer como frade Menor nos Olivais e em terras estranhas...

Nos azulejos, a vida e milagres atribuídos a Santo António têm originado verdadeiras maravilhas, muitas presentemente desaparecidas ou mutiladas. A tradição da arte, tão nossa, do trabalho em azulejo é continuada hoje, com entusiasmo, em manifestação de verdadeiro renascimento, por numerosos artistas, entre os quais sobressaem Jorge Colaço e Leopoldo Battistini (estrangeiro êste, mas sentindo admiravelmente os temas genuinamente portugueses), ambos representados por trabalhos notáveis na exposição Antoniana.

Denominar *nossa* esta delicada modalidade artística é designá-la com propriedade, porque os azulejos portugueses, que evoluíram contrariamente aos de Espanha — mantendo êstes força de colorido e dureza de desenho, atributos representativos do caracter impetuoso do povo da nação vizinha — são belíssimos representantes do lirismo lusitano...

Na música erudita possuímos número assaz avultado de composições sacras em honra de Santo António, algumas devidas a grandes mestres dos séculos XVIII e XIX, como Leal Moreira, autor muito distinto, Joaquim Casimiro, italiano pela escritura mas sabedor e inspirado, e Marcos Portugal, o mais celebrado dos nossos músicos dramáticos — aquele que ostentou, pelo mundo fora, na sua carreira gloriosa, o nome da Pátria ligado ao seu próprio nome; — e muitas páginas profanas, embora raras composições dêste género tenham atingido elevação. Entre estas é justo apontar a *suíte* para piano, em três andamentos, *Santo António—Sobre a sua vida milagrosa*, trabalho de larga inspiração e de técnica aprimorada, devido à ilustre artista D. Maria Antonieta Lima Cruz.

Voto análogo ao formulado quanto ao teatro deve ser repetido em relação à música antoniana portuguesa, considerando ser esta arte tão propícia à exaltação das grandes figuras e dos altos ideais, mercê da



SANTO ANTÓNIO EM ADORAÇÃO
 Pintura em cobre de Pedro Alexandrino
 (0^m,538 × 0^m,405)
 Pertencente ao Sr. Afonso de Dornelas



**SANTO ANTÓNIO
 COM O LIVRO, ATRIBUTO
 DOS DOUTORES**
 Pintura seiscentista
 (1^m,275 × 0^m,630)
 Pertencente ao Rev. P.^o Vital
 Cordeiro



SANTO ANTÓNIO PRÉGANDO AOS PEIXES
 Têla de Francisco Vieira Lusitano (0^m,655 × 0^m,500)
 Pertencente à Casa Palmela
 Exposição Antoniana — Lisboa — Junho de 1935

sua poderosa influência e inexgotáveis recursos, desde a avassaladora polifonia vocal à deslumbrante orquestração moderna.

Ao grande artista que é o povo tem de caber, por direito de justa conquista, larga referência nos estudos dedicados às manifestações antonianas. As suas produções, desde os ingênuos e encantadores *romances* aos cânticos em louvor do Taumaturgo, inspiradas umas pela mais ortodoxa piedade, reflexo outras da paganização do seu culto, constituem fonte tentadora para investigadores e folcloristas. Os limites de um trabalho como o que estou apresentando impedem-me, porém de considerar, embora na generalidade, esse amplo quadro.

Para encerrar as considerações que acabo de dedicar à arte antoniana, direi que se impõe o inventário das obras portuguesas inspiradas na figura do genial orador ou em temas com ela relacionados. Se não possuímos a riqueza da produção artística de outros países (nós que, no entanto, dedicamos a Santo António o grandioso monumento de Mafra), restam-nos ainda bastantes trabalhos, cuja pesquisa, metódica selecção e conseqüente divulgação enriqueceria — em lugar honroso, creio — a preciosa e vasta colecção reproduzida nas páginas admiráveis da revista *Il Santo*, editada em Pádua por acasão do último centenário antoniano, e nas

dos livros célebres do Conde de Mandach, de Facchinetti e de Kleinschmidt.

Tal inventário forneceria possíveis subsídios de vulto para a resolução de problemas pendentes sobre o valor iconográfico de algumas antigas pinturas, além de poder revelar obras de índole diversa, do género, por exemplo, dos curiosíssimos trechos musicais do século xvii que, transcritos agora, pela primeira vez, em notação moderna, figuram na actual Exposição Antoniana.

Adicionando, a este cometimento, pesquisas no âmbito da história e a publicação de uma «Vida» do Santo português que seja monumento digno da sua glória — obrigação que a rápida análise, acabada de apresentar, do movimento literário português relativo à sua personalidade e influência justifica e, mais, impõe — vê-se quão vasto é o campo que se apresenta aos intelectuais que de tão sugestivos temas queiram ocupar-se.

Não o fazendo, hão-de os portugueses resignar-se a só compreender, a só sentir, quando longe da Pátria, a grandeza desta figura tão deturpada no seu País natal. O contraste entre a afeição, tão imbuída de superstição, do povo português ao

Santatoninho, onde te porei?

e a grandiosidade das manifestações que em honra do «Santo de todo

o mundo», se observam continuamente em Pádua, a cidade que guarda as suas relíquias, inspirou a um dos nossos mais ilustres poetas, Afonso Lopes Vieira, uma página de empolgante beleza, que o Sr. Prof. Lobo de Campos vai interpretar. Canto de guerra quando foi escrita, em que o poeta exorava, ao Santo, a salvação das suas duas Pátrias — Portugal e Itália — e da glória antiga delas, é hoje aqui reproduzida simplesmente como brado patriótico, que eleva os nossos corações perante a glorificação de um português insigne.

Santo António

Canto escrito em Junho de 1918, em plena
Grande Guerra
por Afonso Lopes Vieira

Dos olivais de Coimbra, onde mora e per-
[siste

A esparsa melancolia
Do coração de Portugal,
Por mandado do Sonho Heróico, ta partis-
[te,

— Ó Amadis da ideal Cavalaria
De que a Alma é o Santo Graal.

Partiste, e com teu Verbo encheste a Itá-
[lia e a Terra]

Foste a Boca inspirada,
Foste o Mago orador,
— Clarim do Céu vibrando à guerra
Pela vitória da alma libertada
Pela graça do Amor!

Foste o Bruxo de Deus, o Jogral de Jesus
Arrastando após si multidões extasiadas
Pelo teu feiticeiro falar;
Tua Palavra foi um feitiço de luz,
E saindo das ondas nacaradas
Escutaram-te os peixes do mar!

Entanto, p'ra te amar e te poder sentir
A ti, Teólogo e Sábio,
O povo fez florir
Um sorriso galato no teu lábio;
E imaginou-te à tardinha,
Junto às fontes que cantavam,
Fazendo alegres milagres
Nas bilhas que se quebravam...

Na Basílica, em Pádua, é que eu senti um
[dia

Como a tua alma, ó Santo, revivia
Na penumbra do templo e na aflição do
[mando:

Vi os aflitos, vi os desgraçados,
Os cansados dos caminhos vãos,
Virem, com um «pedido» íntimo e profan-
[do,
Pôrem no teu sepulcro ansiadas mãos...

Então, na comoção da saudade natal
Da nossa terra bem-amada e ausente,
Paz aí também a minha mão tremente
Pensando em Portugal...
E hoje, na hora dolorosa
Do luto e da incerteza,
Exoro, ó Santo, a tua alma ardente e ansio-
[sa

E a tua Raça portuguesa,
Para que lá no Céu, onde a suave e forte
Palavra tua esplende entre as estrelas,
Intercedas por nós.....
.....

E que o teu Verbo divino
Renasça lígido por nós,
Esplendendo no milagre da tua voz
A glória do *gentil sangue latino*!

MEUS SENHORES

A complexa personalidade de Santo António de Lisboa não ficou suficientemente vincada através das considerações que, sobre a litera-

tura e a arte antoniana de Portugal, acabo de ter a honra de proferir perante V. Ex.^{as} Não podendo neste monumento focá-la nos variados aspectos com que se nos depara, acrescentarei apenas mais algumas palavras ao singelíssimo epitome que tracei.

O lugar de Santo António, na Ordem dos Frades Menores, não é entre aqueles que legaram obras que, decorridos séculos, fascinam os filósofos e os eruditos. Lembremo-nos de que o franciscanismo produziu numerosos pensadores, entre os quais brilham Alexandre de Halles, S. Boaventura, Duns Escoto e Bacon... Contudo a sua pregação, adaptada, não aos auditórios iletrados dos campos, mas a públicos escolhidos, exigentes como os de hoje, capazes — segundo o dizer curioso de um historiador contemporâneo — de profanar a própria palavra de Deus, quando não apresentada a seu gosto, revela a vastíssima cultura que possuía Santo António, que, como pregador, está entre S. Boaventura, que representa a eloquência solene, e Bertoldo de Batisbona, que simbolisa a oratória popular.

Como judiciosamente acentua Agostinho Gemelli, no tão valioso volume *Il Francescanesimo*, a cultura científica do nosso Santo e a forma da sua pregação (da qual o que até nós chegou, no dizer de Alves Mendes, são cinzas de um vulcão extinto) não estão em antagonismo

com os ideais de S. Francisco de Assis, como alguns escritores, pouco penetrados do espírito franciscano, têm afirmado. A conduta do humilde e douto religioso tem plena justificação no gosto dos seus ovinos. Com o distintíssimo autor italiano acabado de citar, pode afirmar-se que, antes que a Renascença espalhasse o gosto pela forma, o famoso Franciscano português exemplificou a necessidade da palavra polida, do discurso trabalhado com arte. Foi, mesmo, um precursor, pois entre o século de Abélard e o século de S. Tomaz de Aquino, entre a época de S. Francisco e a época de S. Boaventura, António de Lisboa passou como um meteoro, unindo, na gama portentosa da sua palavra, a cultura e a piedade do passado aos germens do futuro.

A sua curta existência e as imposições de um apostolado intensíssimo não lhe permitiram, talvez, que legasse à posteridade obra profunda como os grandes teólogos da Ordem Franciscana; mas a sua ciência tem sido celebrada desde a sua época, representando-o numerosos artistas com o livro, atributo específico dos doutores, e dando-lhe esta alta qualificação vários officios litúrgicos.

Corre presentemente o processo de declaração de Santo António *Doutor da Igreja*. Eis um facto que sumamente deve interessar os portugueses, crentes ou não, porque todos têm o dever de exaltar as

grandes figuras nacionais, independentemente dos credos religiosos ou dos princípios filosóficos que professem.

Demais, contribuir para iniludivelmente demonstrar a superior mentalidade e a profunda ilustração do primeiro Português que logrou impôr em terras estranhas o seu nome, e de maneira tão avassaladora que é hoje o vulto mais universalmente celebrado do agiologismo, é honrar a Pátria, provando a excelência do nível intelectual de Portugal, que nessas longínquas épocas soube formar, em centros afamados, Lisboa e sobretudo Coimbra, tão culto espírito.

Escritores insuspeitos quanto à orientação perante a Igreja (como, entre outros, Silva Pinto e Aquilino Ribeiro) têm focado, a propósito da peregrina figura de Santo António, estes dois problemas: a necessidade de arrancar ao âmbito restrito da apoteose erguida por um só sector do pensamento os homens que são lustre da Pátria, e a importância de irrefutavelmente se demonstrar ter sido a cultura do mais popular ornamento da religião seráfica adquirida em Portugal.

Admitindo que, perante as glórias da Nação, se devem abater as bandeiras representativas das diversas orientações sociais, religiosas ou filosóficas, não sei de vulto que melhor possa conquistar unanimidade de sufrágios. Divulgar perante o mundo, tão ignorante e

injusto perante a glória dos portugueses insignes, que Santo António, uma das figuras eternas da história da humanidade, incarna o génio do povo lusitano, é contribuir para o prestígio nacional, numa hora em que se procura vincar perante o estrangeiro o valor da nossa terra.

E como se não extinguirá a fervorosa e universal admiração pelo Santo, filho desta nobre cidade de Lisboa, perene será a glória que o seu nome augusto outorgará a Portugal.

Que movidos do amor à terra bendita que foi nosso berço, os portugueses menos afectos às ideias professadas pelo egrégio Santo de Lisboa e Pádua, acompanhem também, dando-lhe o caracter de unânime consagração, a saudação com que finaliso: *Ditosa Pátria, que logo nos primórdios da sua existência, tal filho teve!*

NOTAS

I

Plano deste bosquejo

Pareceu ao autor que o tema escolhido para esta conferência era o que melhor se harmonisava com o objectivo da mesma: ser o complemento da Exposição Antoniana, número cultural de abertura das «Grandes Festas de Lisboa». Não se abalançaria, porém, a versá-lo, dada a impossibilidade de apresentar, dentro dos limites impostos a trabalhos desta natureza, um quadro bem representativo da evolução da literatura e arte antonianas em Portugal,

se não se desse a circunstância de correr impresso o catálogo (e respectivo suplemento) daquela Exposição, obra de grande valor pelos importantes subsídios que ministra a quem pretenda estudar o assunto. Esse catálogo e a presente conferência — embora redigidos por autores diferentes — constituem, a bem dizer, duas partes do mesmo guia literário-artístico antoniano.

Com esta declaração ficam ressalvadas as numerosas omissões de autores e obras que se notam nesta conferência.

II

As edições da «Legenda prima»

D. Frei Fortunato de S. Boaventura dissertou com erudição, no primeiro dos dois apêndices, à sua edição desta legenda, sobre o valor do manuscrito que traduzia. Passado mais de um século, continua a ser reconhecida, como no texto da conferência ficou exarado, a importância dessa biografia.

Como complemento esclarece-se que, em outro códice de Alcobaça (também descrito no catálogo da Exposição Antoniana) se encontra um extenso fragmento desse basilar documento histórico, de que se conhecem, ao todo, umas nove lições em várias bibliotecas da Europa.

Além de edições fragmentárias, têm sido feitas da *Legenda prima* ou *Assidua* as seguintes impressões na íntegra, além da do douto escritor português citado (Coimbra, 1830):

Portugalliae Monumenta Historica. Scriptores. Tomo I. Olisipone, 1856.

Josa (P. Antonio) — *Legenda, seu Vita et Miracula Sancti Antonii de Padua.* Bononiae, 1883.

Hilaire (P... de Paris) — *Saint Antoine de Padoue et sa Légende primitive.* Montreuil-sur-Mer, 1890.

Kerval (Léon de) — *Sancti Antonii de Padua, Vita duae, quarum altera hucusque inedita.* Paris, 1904.

Vida milagrosa de Santo António de Lisboa. Reimpressão da tradução de Fr. Fortunato de S. Boaventura, feita no diário lisbonense *A Voz*, em comemoração do 7.º centenário da morte do Taumaturgo. Lisboa, 1930-31.

Conconi (Filippo) — *Leggende di S. Antonio di Padova e altri documenti del secolo XIII a cura di...* Padova, 1930.

Conconi (Filippo) — *Le Fonti della Biografia Antoniana.* Padova, 1931.

Estas duas últimas obras apresentam, em confronto, os textos da *Legenda prima* e da *Anonima*, assinalando as variantes destas nos mais importantes dos códices conhecidos, e inserem, igualmente, com análogas anotações, as outras fontes históricas antonianas.

III

Santo António «Doutor da Igreja»

O exame dos fundamentos do pedido de proclamação do Santo português *Doutor da Igreja* é de grande interesse.

Em todos os trabalhos de vulto, portugueses e estrangeiros, que da agiografia antoniana se ocupam, se encontram elementos para apreciação do assunto. Podem também ser consultados, para a devida elucidação do leitor desejoso de o estudar, os seguintes escritos:

Kleinschmidt (P. Beda) — *De S. Antonio Patavino ab artificibus qua docto representato.* In «Antonianum» (número comemorativo do VII centenário da morte do Santo). Roma, Junho de 1931.

Summarium rationum, ob quas S. Antonius de Padua dignus putatur, cui titulus et honores Doctoris Ecclesiae referantur. In «Acta Ordinis Fratrum Minorum» — An. III, fasc. VI, Junho de 1933. Este artigo foi em parte extractado, em parte comentado pelo Rev. Padre Aloísio Tomaz Gonçalves no fasc. V do Ano XXVIII do «Boletim Mensal, Órgão da Ordem Terceira e

Missões Franciscanas» — Braga, Maio de 1933.

Conconi (Filippo) — *Il Dotto*. Cap. III da Parte II do livro «Sant'Antonio di Padova. Saggio storico-critico». Padova, 1932.

No artigo *Santo António, leitor de teologia*, inserto no «Diário de Notícias», de Lisboa, de 21 Julho de 1931, o Dr. Alfredo Pimenta emite a sua erudita opinião acerca da cultura de Fr. António de Lisboa, concluindo que a Ordem dos Frades Menores é rica em santos e doutos, e que é entre os primeiros que o grande franciscano brilha. Não ter sido professor de teologia, mas simples leitor, não invalida, perante a análise da vida do Santo e em face da tradição, os argumentos em prol da sua elevação à categoria de *Doutor* — tal é a con-

clusão que parece poder tirar-se do estudo minucioso da questão.

Tôdas as obras de arte, cujas reproduções acompanham esta conferência, foram apresentadas na Exposição Antoniana e acham-se mencionadas no catálogo respectivo. As fotografias da pintura de Domingos António de Sequeira e da tela da Casa Pombal foram feitas amavelmente pelo Sr. Mário Catarino Cardoso e as restantes pelo conferente.

Sobre as gravuras de Vieira Lusitano consultar o erudito estudo do Dr. Luiz Xavier da Costa *Francoiseo Vieira Lusitano poeta e abridor de águas-fortes*. 2.ª edição. Coimbra, 1929.



80134179